

## O CAMINHO QUE SE FAZ NO CAMINHAR: Experiências Epistêmico- Metodológicas na Construção de Outros Saberes<sup>1</sup>

Michelly Santos de CARVALHO<sup>2</sup>

Leila Lima de SOUSA<sup>3</sup>

Luciana da Silva Souza REINO<sup>4</sup>

Universidade Federal do Maranhão/ Imperatriz- MA, Brasil

**Resumo:** Este texto tem como objetivo abordar, através de um relato de experiência, algumas ações desenvolvidas através do Núcleo Interdisciplinar de Estudo, Pesquisa e Extensão em Comunicação, Gênero e Feminismos - Maria Firmina dos Reis, vinculado ao curso de jornalismo da Universidade Federal do Maranhão/ Campus Imperatriz. Núcleo que tem investido na educação e na formação ético-política dos estudantes de jornalismo por meio da conscientização sobre as estruturas de opressão e também sobre o apagamento e silenciamento de outras bases de construção do saber para além do saber acadêmico, produzido nos eixos euro-americanos. A experiência e a vivência (COLLINS, 2019; CURIEL, 2020; hooks, 2017; 2019) individual e coletiva tem pavimentado a elaboração metodológica que sustenta e direciona as ações desenvolvidas pelo NP Maria Firmina que tem expandido o acesso à formação política/cidadã para outros/as sujeitas/os para além dos muros da Universidade.

**Palavras-chave:** Relato de experiência; Núcleo Maria Firmina; Maranhão; Metodologia.

### Introdução

Neste texto buscamos refletir sobre as ações que vêm sendo desenvolvidas como forma de elaborar e experimentar outras metodologias de ensino e de aprendizagem que têm sido implementadas no Núcleo Interdisciplinar de Estudo, Pesquisa e Extensão em Comunicação, Gênero e Feminismos - Maria Firmina dos Reis, vinculado ao curso de jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz. O NP Maria Firmina é um grupo de pesquisa, acolhimento e fortalecimento. Um coletivo que estuda as inter-relações entre comunicação, feminismos, raça, gênero e cidadania e que busca o desenvolvimento da consciência crítica e de uma formação política atenta às assimetrias e exclusões causadas pela intersecção dos marcadores sociais junto aos/às estudantes de jornalismo.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências da Comunicação. Professora Adjunta no curso de Jornalismo na UFMA/Imperatriz. Coordenadora do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em gênero e feminismos Maria Firmina dos Reis, e-mail: [michelly.carvalho@ufma.br](mailto:michelly.carvalho@ufma.br)

<sup>3</sup> Doutora em Ciências da Comunicação PPGCC/UNISINOS. Professora Adjunta no curso de Jornalismo na UFMA/Imperatriz. Vice-coordenadora do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em gênero e feminismos Maria Firmina dos Reis, e-mail: [sousa.leila@ufma.br](mailto:sousa.leila@ufma.br)

<sup>4</sup> Doutora em Comunicação Social. Professora Adjunta no curso de Jornalismo na UFMA/Imperatriz. Pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em gênero e feminismos Maria Firmina dos Reis, e-mail: [luciana.reino@ufma.br](mailto:luciana.reino@ufma.br)

---

O nome escolhido para o Núcleo de pesquisa é uma homenagem à Maria Firmina dos Reis, mulher maranhense, escritora abolicionista e professora, considerada a primeira romancista brasileira. O primeiro romance de Maria Firmina – *Úrsula* – publicado em 1859, constitui um importante instrumento de crítica à escravidão, sobretudo pela humanização dos sujeitos escravizados. Embora Maria Firmina tenha enorme contribuição na literatura brasileira, sua história e seu nome são ainda pouco visibilizados na historiografia oficial (SANTANA, 2019).

Desde o ano de 2019, o Núcleo tem voltado sua atenção para trabalhar a perspectiva de raça e gênero nos estudos feministas, principalmente na formação ético-política e antirracista de professores e estudantes que reconheçam o racismo como ideologia de poder que sustenta e reproduz exclusões em diversos níveis. O Núcleo conta com a participação de 27 pesquisadoras entre estudantes de graduação, mestrado, doutorado e também de três professoras do curso de jornalismo da UFMA/Imperatriz, que têm atuado na coordenação.

Reconhecemos que as nuances do racismo no Ensino Superior são diversas e que operam profundas violências na vida dos estudantes: seja pela dificuldade de acesso e de permanência no ensino superior ou pela invisibilização de autores e autoras negras como conhecimento válido, e ainda, pela falta de incentivo de que metodologias e epistemologias antirracistas possam ser artesanadas por docentes e estudantes em espaços de enfrentamento e de desestabilização aos saberes hegemônicos e eurocentrados.

No caminho da liberdade e da prática confessional (hooks, 2017) de ensino-aprendizagem, temos feito por meio do Núcleo e através da comunicação e do diálogo (FREIRE, 2018a) problematizações necessárias sobre nossas práticas como comunicadores, pesquisadores e estudantes. É da prática de liberdade que bell hooks (2017) aborda que na experiência de ensinar-aprender estamos sempre esperando que as/os estudantes partilhem e confessem sobre seus cotidianos, sobre suas realidades. Mas nós, docentes, pouco ou nada nos desnudamos, quase nunca falamos sobre nossas fraquezas ou sobre o que atravessa o nossa mente-espírito, nossas vulnerabilidades constituintes. Há anos temos reproduzido a prática da educação bancária como já nos ensinou Paulo Freire (2017; 2018a), seja na educação básica ou no ensino superior.

A educação como prática transformadora e como política emancipatória, é uma bandeira de luta histórica do Movimento Negro (GOMES, 2017) nas reivindicações pela inclusão e diminuição das desigualdades sociais construídas em torno da população negra

---

brasileira. Posicionar a educação como política emancipatória, antirracista e anti-cis-sexista resulta também do diálogo, da reflexão e da escuta ativa, interessada, transformadora.

Dessa forma, as atividades pensadas pelo Núcleo Maria Firmina dos Reis têm ido além da leitura, da discussão de textos e da elaboração de artigos científicos para congressos e revistas científicas. Temos também tentado implementar metodologias nas quais estudantes possam se enxergar, que possam abordar experiências e vivências familiares, comunitárias e que são cruciais em suas construções político-subjetivas.

Este texto é um relato de experiência sobre algumas ações que já foram desenvolvidas pelo Núcleo de Pesquisa e que tem nos permitido desestabilizar e ressignificar discursos e narrativas. Também nos mobilizando a compreender que a formação docente e discente acontece de forma contínua e que precisa ser dialogada, interessada, respeitando o contexto e a realidade de opressões que constituem a subjetividade de estudantes e professores.

### **1. O caminho que se faz no caminhar: a metodologia como construção política e cidadã**

A metodologia como uma construção ético-política precisa atravessar um tensionamento fundamental: o quanto dos nossos saberes e de nossas bases de construção do conhecimento nos permitem ultrapassar lógicas binárias, embranquecidas e euro-americanas? Para implementar uma formação política e na pavimentação de metodologias de ensino-aprendizagem nas quais as vivências e experiências dos/as estudantes possam ser valorizadas e respeitadas, precisamos antes reconhecer o quanto o acesso à educação no Brasil é desigual e exclui e marginaliza, sobretudo, a população preta, pobre e periférica.

Sueli Carneiro (2005) destaca que o sistema educacional brasileiro foi arquitetado de forma a assegurar privilégios de raça e de classe. A autora faz uso do conceito “epistemicídio”, cunhado por Boaventura de Souza Santos, para ajudar na compreensão de como os dispositivos de poder estão organizados e formatam os ambientes educacionais<sup>5</sup> para que reproduzam e naturalizem as desigualdades raciais. Essa ação faz com que a capacidade intelectual da população negra seja constantemente questionada e que ela não se reconheça no espaço escolar.

O epistemicídio se realiza através de múltiplas ações que se articulam e se retroalimentam, relacionando-se tanto com o acesso e/ou a permanência no

---

<sup>5</sup> A autora compreende a educação como mecanismo de ascensão ao poder e de supressão de desigualdades para a população mais vulnerável (CARNEIRO, 2005).

---

sistema educacional, como com o rebaixamento da capacidade cognitiva do alunado negro (CARNEIRO, 2005, p. 114)

A escola, ao silenciar a problemática da discriminação racial no Brasil e ao promover a “exclusão social dos negros” (CARNEIRO, 2005, p. 09), acaba por naturalizar desigualdades raciais ao despolitizar a discussão racial e ao favorecer o “embranquecimento do poder” (CARNEIRO, 2005, p. 113). O silêncio aparece como tática para a dominação dos sujeitos negros, inculcando neles o sentimento de inferioridade em relação ao branco (CARNEIRO, 2005). A escola como instrumento de controle e de normalização dos sujeitos negros é apontada por Gonzalez (2020, p. 39) como um ambiente em que as crianças negras são constantemente classificadas como “indisciplinadas, dispersivas, desajustadas e pouco inteligentes”. É um local onde o racismo se manifesta em diversos aspectos.

É a partir do reconhecimento das assimetrias de poder que são naturalizadas e até disseminadas nos currículos escolares e acadêmicos que uma das ações fundamentais do Núcleo Maria Firmina dos Reis parte da tentativa de diálogo e incentivo a que estudantes conheçam outras geopolíticas de construção do conhecimento, sobretudo, a partir de vozes que estão mais próximas aos nossos contextos. Além de, a cada semestre promovermos uma seleção de textos para a discussão que tenham obrigatoriamente escritas femininas, latino-americanas e africanas, as leituras mobilizam que cada estudante possa refletir e dimensionar a realidade vivida em sua própria comunidade e que reconheça que os saberes construídos por seus mais velhos: pais, irmãos, avós, cumpre um papel social e político fundamental. É assim que, temos construído um “espaço seguro” (COLLINS, 2019), no qual experiências e vivências possam ser compartilhadas e que possam gerar reconhecimento, identificação e fortalecimento entre outros sujeitos/as.

Como exemplos de temas que foram debatidos recentemente podemos destacar: **2021.1 - Cidadania comunicativa e perspectivas decoloniais** – com discussões que atravessaram o “feminismo decolonial” e o Movimento de mulheres na América Latina, a reflexão sobre “branquitude”, textos sobre violências racistas cotidianas – base dos estudos no livro de Grada Kilomba “Memórias da Plantação”. **2021.2 – Autoras Negras Latino-Americanas** – discussões que atravessaram as nuances do colorismo na sociedade brasileira; maternidade; vivência de mulheres quilombolas; corpo e cabelo negro; transfeminismo. Por fim, temas que temos debatido neste semestre **2022.1 – Autoras Negras Africanas** – discussões sobre as compreensões de gênero em sociedades africanas; problematizações sobre

---

o funcionamento dos algoritmos de redes sociais digitais; problematização sobre o trabalho doméstico remunerado.

A "experiência de vida" (COLLINS, 2019) como um horizonte fundamental na construção metodológica é um ensinamento sob o qual temos apoiado as atividades que têm sido desenvolvidas pelo Núcleo. Patrícia Hill Collins (2016) é uma das autoras nas quais nos apoiamos para identificar que a experiência constitui uma chave epistêmico-metodológica central, sobretudo para populações historicamente marginalizadas e subalternizadas. A autora destaca que as mulheres negras foram historicamente situadas à margem e desde as margens foram construindo visões múltiplas, diversas e plurais sobre os marcadores e as hierarquias sociais. Assim, desenvolvem como forma de resistência e de existência, capacidades analíticas profundas, capazes de desestabilizar e ressignificar as estruturas de opressão.

O conhecimento que nasce da experiência vivida também é abordado nos estudos da intelectual latino-americana Ochy Curiel (2020). Na visão da autora, a experiência favorece a formação da consciência diante dos sistemas de opressão que atravessaram suas vidas desde o nascimento. Ao invés de objetos de investigação, as mulheres “deveriam investigar sua vida” (p. 131). Romper com o “privilégio epistêmico” sobre o qual Collins (2019) reflete inicialmente também significa “que a subalternidade precisa deixar de ser objeto e passar a ser sujeito do conhecimento” (CURIEL, 2020, p. 132).

O Maranhão é um dos estados brasileiros com a maior taxa de população negra, 82,5% (IBGE, 2019), ainda assim, majoritariamente, nos baseamos em autores brancos para a nossa formação como sujeitos/as e profissionais – os utilizamos não só como base, mas como sustentação fundamental dos currículos escolares e das grades das disciplinas universitárias.

Nesse sentido, deslocar e problematizar de onde partem e em que estão sustentadas as nossas bases de construção do saber é um caminho fundamental para que não só os/as estudantes possam se ver nos currículos e nas discussões levantadas, mas que a comunidade possa se sentir pertencente a este espaço. Por conta de algumas das atividades desenvolvidas através do Núcleo Maria Firmina dos Reis, movimentos organizados pela sociedade civil e Coletivos Sociais da cidade de Imperatriz-Maranhão têm somado forças junto às nossas ações, a exemplo da Coordenação de Educação da Igualdade Racial de Imperatriz – CEIRI e do Centro de Cultura Negra Negro Cosme.

Além dos encontros quinzenais, que atualmente têm sido realizados via plataforma Google Meet, o Núcleo Maria Firmina dos Reis também realiza atividades constantes como rodas de conversas com mulheres que atuam em Imperatriz e região – uma outra forma de

---

mobilizar que nossas reflexões possam sair dos muros da Universidade e também alcançar/disseminar outras vozes e narrativas.

Um outro exemplo são os minicursos que temos realizado através do Simpósio Nacional da Região Tocantina. O primeiro deles, realizado no ano de 2020, com o tema **“Epistemologias Feministas Negras”** nos permitiu identificar o desconhecimento dos/as estudantes sobre a obra, a trajetória e a vida de autores e autoras negras tanto Latino-Americanas quanto Norte-Americanas. Esse se constituiu num tensionamento fundamental para que pudéssemos planejar e criar o curso de extensão e de formação antirracista **“Academia Preta Decolonial: epistemologias e metodologias antirracista”**, que existe desde o ano de 2020, o qual abordaremos no próximo tópico.

Também como forma de enfrentar e de denunciar a homogeneidade dos currículos universitários, que no ano de 2021 realizamos um outro minicurso. Dessa vez, denominado: **“América”: bases para pensar o feminismo negro no Brasil**. O curso teve como objetivo abordar os estudos de escritoras e intelectuais negras como Lélia Gonzalez, na qual nos inspiramos para o título do curso, rememorando a problematização que a autora faz sobre a ‘invenção’ da América Latina e a tentativa de apagamento dos referentes e contribuições culturais Africanas no nosso Continente. Também fizemos um exercício de evidenciar a obra intelectual de autoras, professoras, ativistas da região Tocantina e do Pará, como o trabalho de Zélia Amador de Deus, professora da UFPA e Izaura Silva – professora do Instituto Federal de Educação de Imperatriz/MA, uma das fundadoras do Movimento Negro local.

Ao abordarmos a vivência e a experiência como dimensões fundamentais na construção política da metodologia, precisamos abordar a noção de “escrevivência”. Termo e conceito cunhados por Evaristo (2005), parte de um jogo de ideias sobre “escrever, viver, se ver” (EVARISTO, 2017, s/p). A tentativa é de promover rupturas com o imaginário colonizador na luta pelo protagonismo e pela visibilização da escrita de mulheres negras, a qual se desenvolve intimamente ligada às suas vivências e experiências coletivas e individuais.

[A escrevivência] seria escrever a escrita dessa vivência de mulher negra na sociedade brasileira. (...) A minha escrevivência e a escrevivência de autoria de mulheres negras se dá contaminada pela condição de ser mulher negra na sociedade brasileira. Toda minha escrita é contaminada por essa condição. É isso que formata e sustenta o que estou chamando de escrevivência (EVARISTO, 2017, s/p)<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> LIMA, Juliana Domingos de. Conceição Evaristo: Minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra (Entrevista). **Jornal Nexo**, 2017. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/entrevista/2017/05/26/>. Acesso em: 10 julho 2022.

Ainda sobre a “escrevivência” que atravessa e fundamenta a subjetividade dos sujeitos/as, refletimos que ao final do curso sobre o feminismo negro no Brasil, propusemos uma atividade que consistia na escrita de uma carta ou um poema para uma mais velha – mãe, tia, avó – uma pessoa de referência na vida do/da estudante. Os/As estudantes que se sentiram à vontade, puderam compartilhar o texto por meio da leitura em voz alta. Os relatos foram emocionantes e mais uma vez confirmaram o quanto do saber que nos constitui como sujeitos/as políticas nasce e se sustenta nas bases que estabelecemos com as nossas Ancestralidades, com os nossos referentes identitários.

## **2. Academia Preta Decolonial: epistemologias e metodologias antirracistas**

O curso “Academia Preta Decolonial: Epistemologias e Metodologias Antirracistas” começou a ser artesariado em julho de 2020. Diante de uma pandemia mundial que escancara e aprofunda ainda mais as disparidades entre negros e brancos, surge como caminho de resistência, de articulação política e de mobilização ativista possibilitada pelo digital, em tempos de distanciamento social. Ao nos encontramos semanalmente para desestabilizar os efeitos da colonialidade, pedíamos licença e direcionamento aos que vieram antes.

A Academia Preta Decolonial parte de uma observação atenta, interior, que nós, enquanto professoras, fomos motivadas a fazer ao colocar em debate relações raciais e de gênero para estudantes do curso de jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz. Surge como atitude ético-política para desestabilizar nossos processos formais de educação nos quais seguimos modelos brancos, eurocentrados, ocidentalizados e cis-heteronormativos (SANTOS, 2020; NASCIMENTO, 2020; SILVA, 2020).

É um curso de extensão e de formação antirracista, desenvolvido desde o ano de 2020, em formato remoto e aberto para todo o Brasil. O objetivo do curso, além de promover reflexões, problematizações e denúncia sobre processos de exclusão, assimetrias e a marginalização imposta pelos marcadores sociais, também amplia e visibiliza as pesquisas, o trabalho, a obra e as ações desenvolvidas por autores e autoras negros/as, também de ativistas, membros de coletivos do Brasil e das cidades de Maputo - Moçambique e de Barcelona - Espanha, que são os/as professores/ as ministrantes dos módulos.

Nesses dois anos, contamos com a participação de mais de 300 cursistas que completaram todos os módulos e que são provenientes da educação básica, do Ensino Superior,

---

membros de Comunidades Quilombolas, NEABIS - Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas, professoras, estudantes, donas de casa. Ano passado, fizemos parte da 2ª Campanha para a erradicação do racismo no ensino superior promovida pela **Cátedra Educación Superior y Pueblos Indígenas y Afrodescendientes en América Latina**, da UNESCO e tivemos o apoio institucional na realização dos módulos do curso, o que também permitiu que ele fosse ampliado um pouco mais.

Entre os temas abordados nos cursos já realizados, destacamos: **2020 - Módulo 1:** "Economia feminista e ecológica, com Gilvânia Ferreira (MST/Maranhão); **Módulo 2:** "Decolonidade e pensamento afrodiaspórico" com Mariana Olisa e Dai Sombra (Coletivo Afrofeminista/ Diáspora produtora - Barcelona/Espanha); **Módulo 3:** "Mídia e racismo: combatendo a sub-representação preta e reposicionando o campo da comunicação", com Rosane Borges, da USP; **Módulo 4:** "Feminismo negro e literatura: as obras de bell hooks, Chimamanda Adichie, June Jordan e Conceição Evaristo, com Fernanda Bastos; **Módulo 5:** "Pensamento feminista afro-latino americano", com Andreia Marreiro (UESPI); **Módulo 6:** "A produção literária de autoras negras brasileiras: tessituras de uma escrita insubmissa", com Francly Silva (UFPB); **Módulo 7:** "O perigo de uma história única", com Gabriela Barretto de Sá; **Módulo 8:** "Contribuições metodológicas para a educação das Relações étnico-raciais", com Herli de Sousa Carvalho (UFMA/Imperatriz); **Módulo 9:** "Transexualidade negra e educação", com Letícia Carolina Nascimento (UFPI); **Módulo 10:** "Movimento negro educador": contribuições para uma educação antirracista, com Rosenverck Estrela Santos (UFMA/ São Luís); **Módulo 11:** "Literatura preta: autoras negras em destaque", com Bianca Santana (FGV); **Módulo 12:** "Alisando nosso cabelo: estética e poder", com Jéssica Carneiro.

Na edição de 2021, os temas abordados foram os seguintes: **Módulo 1:** Pedagogia afroafetiva: uma experiência de emancipação, ministrado por Francly Silva (UFPB); **Módulo 2:** Moçambicidade audiovisual e cidadania, por Fulgêncio Muchisse (Universidade Eduardo Mondlane – UEM/ Moçambique); **Módulo 3:** Perspectivas decoloniais/anticoloniais e o pensamento produzido por mulheres da América Latina em narrativas audiovisuais do Brasil e Equador, Andreia Rosendo (PROLAM/USP); **Módulo 4:** Cosmopolíticas da racialidade: perspectivas pretas como crítica aos valores universais modernos, com José Messias Franco (UFMA/Imperatriz) e Renata Nascimento (UERJ); **Módulo 5:** Transfeminismo, com Letícia Nascimento (UFPI); **Módulo 6:** Capoeira Descolonizadora como epistemologia de resistência, por Dai Sombra (Diáspora Produtora – Barcelona/Espanha); **Módulo 7:** Interseccionalidades e o feminismo afrolatinoamericano no pensamento de Lélia Gonzalez, com Denise Carvalho



---

(UFRN); **Módulo 8:** “Tá feita a quizumba”: Debates sobre (re)apropriações tecnológicas e os ciberativismos de mulheres negras, por Thiane Neves (UFBA); **Módulo 9:** Expressões da Branquitude no Ensino Superior, com Priscila da Silva.

Para ilustrar a potência e impacto da experiência da Academia Preta em nossas vidas acadêmicas e pessoais, vamos compartilhar algumas falas da professora Dra. Francy Silva, que participou das duas edições da Academia e que abriu os módulos de 2021 falando de sua "pedagogia afroafetiva". Em sua segunda participação, Francy ilustrou a experiência de vida da qual Collins (2019) se refere, para explicar como foi construída a sua experiência de pedagogia afroafetiva:

Muito do que venho praticando enquanto docente negra, de uma universidade federal, é muito da minha vivência, da minha experiência, da minha escrevivência. A pedagogia afroafetiva, que eu estou nomeando de afroafetiva, que eu acredito, é uma pedagogia que eu teorizo a partir da minha prática, eu teorizo a partir da minha vivência, eu teorizo a partir da minha escrevivência (SILVA, 2021).

Silva (2021) compartilhou conosco sua história de vida, sua origem humilde no interior da Bahia, e a importância do amor recebido de seu pai, sua mãe e sua avó, esta última como uma forte presença, como pessoa que, com os olhos do amor, do afeto, e com o peso da experiência de vida, viu o potencial de sua neta em ir além dos espaços que a branquitude quer determinar para a pessoa negra, “toda a minha fala na Academia Preta Decolonial, ela está totalmente enraizada ao lugar de onde eu vim, às minhas origens. Eu não posso esquecer de onde eu vim” (SILVA, 2021). Sua vivência pessoal e sua formação intelectual deram a certeza de que é possível educar através do afeto.

Para hooks, “contar histórias é uma das maneiras que temos para começar o processo de construção de comunidade, dentro ou fora da sala de aula” (2021, p. 74), histórias são centelhas que acendem a paixão pelo aprendizado. Sueli Carneiro (2022) fortalece essas impressões, quando nos conta que seus pais não eram ativistas, mas tinham consciência racial, e que sua formação como ativista e intelectual, não foi na universidade. A intelectual orgânica que ela se tornou é produto do movimento negro e do movimento de mulheres negras.

As experiências de vida, as escrevivências, nos ajudam a compreender melhor a realidade dos nossos alunos e alunas, suas vidas e suas dificuldades. Nos ajuda a trazê-los para o centro da produção da pesquisa sobre suas realidades, não mais como objetos de estudo, não mais como “objetos de análise” de teorias e metodologias eurocentradas e que foram

---

constituídas com conceitos muito distantes das realidades sociais delas e deles. O forte depoimento da professora Dra. Francly Silva é um dos exemplos de como é possível produzir e compartilhar conhecimento com afeto, com sensibilidade, transformando nossos/as estudantes em sujeitos/as de suas próprias histórias, e produtores de conhecimento a partir de suas vivências.

Por meio de depoimentos e da escrita de cartas ao final do curso, temos identificado a transformação que a Academia Preta Decolonial tem provocado na vida e na formação dos/das cursistas, que tem encontrado nesse curso não só uma oportunidade de aprofundar estudos/discussões, mas também de compartilhar experiências particulares, pessoais, de se reconhecerem e se identificarem com as professoras e professores que ministram cada módulo.

Maldonado (2011, p. 07) argumenta sobre o conceito de “cidadania científica” que significa que a ação de “investigar, experimentar, criar, projetar, planejar, programar e produzir conhecimento deve ser nutrida por concepções e projetos que apresentem possibilidades de novas configurações educativas, acadêmicas, investigativas e políticas”. Essa cidadania científica foi negada como direito para a população negra, que teve suas produções científicas, literárias e artísticas marginalizadas, esquecidas e segregadas como referência na lógica supremacista de produção de conhecimento (MOURA, 1988; 1994). A Academia Preta se coloca como uma ação política de cidadania científica que denuncia o apagamento da intelectualidade negra nos nossos currículos escolares e acadêmicos, mas sobretudo as resistências, as inventividades e a potência transformadora do conhecimento diaspórico.

### **Considerações Finais**

Para o Movimento Negro a educação não é só uma bandeira de luta, mas também é um instrumento histórico sob o qual táticas e estratégias políticas foram e são elaboradas continuamente, onde outros saberes podem existir e construir outras metodologias, outras epistemologias (GOMES, 2017).

Na prática da educação libertadora as alternativas de aprender e ensinar elaboradas na experiência docente de bell hooks (2017) nutriam-se no questionamento sobre as divisões entre mente, corpo e espírito. A educação libertadora é também acompanhada da auto atualização constante, do cuidado da alma, do autocuidado de si como ferramenta e estratégia política de resistência (hooks, 2019; 2020; FREIRE, 2017; 2018a).

---

O que bell hooks (2017) e Paulo Freire (2017; 2018a) nos ensinam é que a prática docente é sobre percursos, afetações e artesanias que são costuradas e construídas a partir de diversas mãos, mentes, corpos e espíritos. Quando no Núcleo de Estudos e Pesquisas Maria Firmina dos Reis pensamos na artesanaria, elaboramos um diálogo fundamental com o pensamento sobre a incompletude e o inacabamento propostos por Paulo Freire (2017; 2018a). A incompletude é o que nos permite e o que nos autoriza sentir, que nos move para a ação, para a inventividade.

A construção política da metodologia de ação que vem sendo elaborada e experimentada pelo Núcleo Maria Firmina dos Reis tem nos mostrado que é possível, sim, plantar uma semente de esperança. Ainda sobre a necessidade de criarmos ferramentas para desestabilizar as estruturas de dominação que se estabelecem e se naturalizam também no ambiente educacional.

### Referências bibliográficas

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

COLLINS, Patrícia Hill. Aprendendo com a outsider within\*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. In: **Revista Sociedade e Estado** – Volume 31 Número 1 janeiro/abril 2016.

\_\_\_\_\_. **Pensamento feminista negro**. Conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In: HOLANDA, Heloísa Buarque et al (orgs). **Pensamento feminista hoje: Perspectivas decoloniais**. 1 ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

EVARISTO, Conceição. Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, Belo Horizonte, n. 25, v. 13, 2. sem., 2009b, p. 17-31. Acesso em 19 agosto. 2022.

\_\_\_\_\_. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, N. M. de B.; SCHNEIDER, L.(Org.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Ideia; Editora Universitária UFPB, 2005. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/genero-e-etnia-uma-escrevivencia-de.html>. Acesso em: 10 julho 2022.

REIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. São Paulo: Paz e Terra, 2018a.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino americano**. Zahar, 2020.

hooks, bell. 1952. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

\_\_\_\_\_. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

\_\_\_\_\_. **Erguer a voz**. Editora Elefante, 2019. Edição do Kindle.

MALDONADO, Alberto Efendy. Pesquisa em Comunicação: trilhas históricas, contextualização, pesquisa empírica e pesquisa teórica. In: \_\_\_\_\_. **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 277-303.

MANO A MANO. Entrevistada: Sueli Carneiro. Entrevistador: Mano Brown. São Paulo: Spotify, 26 mai. 2022. Podcast. Acesso ao episódio por meio do agregador Spotify.

NASCIMENTO, Letícia. Transexualidade negra e educação. In: Academia Preta Decolonial: epistemologias e metodologias antirracistas. **Curso de extensão/ UFMA, online**, novembro de 2020.

SANTANA, Bianca (Org.). **Vozes Insurgentes de Mulheres Negras**: do Século XVIII à Primeira Década do Século XXI. Belo horizonte : mazza edições, 2019.

SANTOS, Rosenverck Estrela. "Movimento negro educador": contribuições para uma educação antirracista. In: Academia Preta Decolonial: epistemologias e metodologias antirracistas. **Curso de extensão/ UFMA, online**, novembro de 2020.

SILVA, Francy. A produção literária de autoras negras brasileiras: tessituras de uma escrita insubmissa. In: Academia Preta Decolonial: epistemologias e metodologias antirracistas. **Curso de extensão/ UFMA, online**, novembro de 2020.

SILVA, Francy. Pedagogia afroafetiva: uma experiência de emancipação. In: Segunda Academia Preta Decolonial: epistemologias e metodologias antirracistas. **Curso de extensão/ UFMA, online**, setembro de 2021.